



HISTÓRIA E NATUREZA

Sergio Buarque de Holanda

O interesse, não apenas de curiosidade, que, cada vez mais, vêm provocando entre nós as questões de ordem filosófica, representa os indícios talvez característicos de uma direção nova nas preocupações dos nossos escritores e, até certo ponto, do nosso público. É frequente, hoje, que se orientem para a simples especulação filosófica, muitos daqueles que há quinze e há vinte anos se deixariam empolgar por alguma sociologia que não passasse, em realidade, de uma aliança da interpretação histórica à propaganda política e à visão profética. Assim como os que ontem se ocupavam da literatura de ficção — e ainda aqui, indiretamente, dos espetáculos, não digo tanto dos problemas, sociais — parecem voltar-se hoje para a poesia, de preferência para a poesia "pura".

Um crítico imbuído de slogans marxistas não deixaria de interpretar essa nova preeminência do

"humano" e do individual sobre o social como sintomática da alienação dominante entre intelectuais em face das perplexidades da hora presente. O que de certo modo pode ser perfeitamente justo; entretanto não cuidarei, por agora, em abordar os motivos, fictícios ou reais, da transformação operada, receoso de me meter com eles pelos desvãos do sociologismo crítico.

Não é de hoje que um ilustre ensaísta francês — Julien Benda — vem sistematicamente denunciando o viés literário de muitas filosofias em voga. Se o fato é verdadeiro, não o será menos sua recíproca. E no gosto atual pela literatura chamada existencialista, eu veria um aspecto, entre muitos, mas esse especialmente famoso, de um fenômeno bem generalizado e rico em consequências.

A consideração deste fenômeno, sugerida por dois comentários ultimamente aparecidos às notas que aqui mesmo se publicaram a propósito das atas do Primeiro Congresso Brasileiro de Filosofia, não implica, certamente, num desconhecimento da atitude oposta. Por que, a par daqueles que procuram destruir as possíveis muralhas entre as atividades distintas do espírito e da imaginação, a fim de que cada uma possa respirar por todos os poros a mesma atmosfera comum, existem sem dúvida os outros, os que desejariam ver erigida em cada limite uma barreira, bem espessa e calafetada.

A PENAS estou inclinado a supor que estes não existiriam facilmente sem aqueles: quer dizer que o zelo dos partidários das muralhas seria inexplicável sem o ardor dos amigos da indistincção e da promiscuidade. A origem dos seus contrastes encontra-se, assim, numa interdependência bastante sensível.

Precisamente um dos que se deram ao trabalho de comentar as minhas notas à margem do congresso de filosofia ou melhor das suas atas publicadas, situa-se claramente na primeira categoria: a dos que não toleram vãos compromissos, capazes de turbar a nítida visão do filósofo e do cientista. Pertencendo à tribo relativamente

pouco numerosa, entre nós, dos que não se encaminham à filosofia movidos pelo simples gesto de brilhar, ostentando uma erudição fácil e falaciosa, o Sr. Eurialo Canabrava não quer saber dos entretens que, podendo satisfazer imaginações generosas, atendem mal às mais elementares exigências de uma lógica precisa.

E se as questões estéticas, sobretudo as poéticas, despertam, não raro, seu interesse, é que, definidas, como as define, por um rigoroso contraste com as filosóficas e as científicas, fica assentado que cada qual tem seu terreno intransferível, cercado de sólidas barreiras. Uma vez que a poesia constitui por excelência e com exclusividade sintomática o domínio da magia, do vago, do ambíguo, ficam automaticamente fixadas essas barreiras.

A perspectiva de uma classificação e formalização das diferentes disciplinas poderá fazer-se, livre, enfim, desse embaraço, através de um rigoroso critério lógico. No seu artigo *Natureza e História*, publicado recentemente em suplemento de *A Manhã*, o Sr. Canabrava não deixa, é certo, de louvar o pessimismo dos que duvidam do bom êxito de certos esforços de formalização das disciplinas históricas. "O Sr. Buarque de Holanda", escreve ele, "manifesta a esse propósito sérias dúvidas de que tal tarefa possa ser levada a cabo no domínio das disciplinas históricas. As suas observações se aplicam mais rigorosamente às tentativas ingênuas de matematização da história, psicologia ou sociologia".

A CRESCENTA, aparentemente com razão, que a extensão dos métodos científicos à história há de obedecer a princípios estratégicos diferentes dos que se impuseram no "domínio dos fatos naturais". Apesar dessa ressalva, o autor não deixa, é certo, de encerrar a possibilidade de uma formalização lógica da história e é sobre este ponto que continuo a manter as sérias dúvidas formuladas nas notas sobre o Congresso de Filosofia. Acredito, em realidade, que os historiadores têm a aprender do espírito que preside atualmente o trato das ciências formais, muito mais do que julgam os produtores de hipóteses onde a complexidade do passado é sujeita a uma simplificação enganadora. A desconfiança em face dos falsos conceitos é tão válida para o mistério do historiador quanto o é para os modernos positivistas e fisicistas. Mas essa mesma desconfiança há de afastá-los juntamente da sedução dos padrões rígidos e absolutistas, que nos permitiriam não apenas compreender o passado como prenunciar o fu-

turo. Só a partir dela é que o historiador poderá vencer cabalmente aqueles "efeitos desastrosos do diletantismo literário e filosófico sobre uma disciplina que não se caracteriza pelo rigor sistemático das suas conclusões".

Se a propósito de determinados fenômenos, em particular dos fenômenos de natureza estatística e econômica, é possível um grau apreciável de previsão, por conseguinte é possível, em parte, algum conhecimento científico rigoroso, a verdade é que o bom êxito alcançado pela disciplina histórica nesses setores só tem servido para mostrar a latitude imensurável dos domínios onde querer aplicar métodos semelhantes é cair exatamente numa espécie de diletantismo literário ou filosófico.

Peneo, neste ponto, com o Sr. Eurialo Canabrava, que a nestigmatização da história às ciências suscetíveis de formalização não se dará nas condições em que a unificação da física e da química chegou a ser imaginável, em princípio e idealmente, é certo, na teoria do átomo de Bohr. Mas por outro lado suspeito da possibilidade de uma influência absolutamente eficaz, sobre os historiadores futuros, de trabalhos como os de sociólogos (Lazarsfeld e Lundberg), cujas diretrizes, a seu vez, poderiam encerrar o embrão de uma nova "estratégia" historiográfica.

É bem significativo que, atraídos pelas recentes teorias sociométricas.

(Conclui na 1ª página)

★ História e...

(Conclusão)

tricas, esses mesmos autores, segundo pôde notar um dos seus críticos, sempre se mostraram mais devotos ao "metrum" do que sensíveis ao "poeciura". Eles nos ensinam a tomar medidas, não a apreender o sentido verdadeiro daquilo que procuram medir. Para isso precisam limitar necessariamente a importância do individual, a fim de favorecerem a do típico. Ora, a história é por excelência o

Continua no verso

domínio do individual, do espontâneo, do concreto. Ou, nas mesmas palavras do Sr. Canabrava, "o campo em que se movimentam, as forças irracionais, os instintos e as tendências afetivas, os valores misteriosos de variáveis desconhecidas e parâmetros ocultos".

Estou convicto de que a precisão nas disciplinas históricas só é verdadeiramente possível na medida em que se abandone de todo a esperança falaz no valor daqueles padrões rígidos, que no século XIX podiam seduzir um Taine ou um Buckle e que ainda neste nosso século encantam os partidários de um Spengler ou de um Toynbee. A importância de um maior rigor é afirmada com justeza no trabalho do Sr. Canabrava. Para ser ainda mais justo ele precisaria acentuar, sem deixar margem a dúvidas, que o tipo de rigor requerido para as disciplinas formalizáveis não se confunde e nem se equipara ao que reclamam as pesquisas históricas, quando não queiram cair, estas, nas malhas dos mistificadores, dos astrólogos ou dos fabricantes de ouro. Contudo o fato de ter chamado atenção para a necessidade de uma abordagem mais precisa dos problemas da História permanece um dos méritos do trabalho onde o Sr. Canabrava comentou as observações aqui feitas. O mesmo já não se poderá dizer, com a mesma certeza, de outro comentador, cuja exposição tentarei examinar em artigo posterior.

